
Sensacionalismo on-line: a morte em imagens e manchetes¹

João Pedro de Oliveira Buchara²

Lizandra Rocha³

Laura Seligman⁴

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Resumo

O presente artigo investiga a presença de elementos sensacionalistas na editoria de Polícia do jornal online *Top Mídia News*, veículo de grande audiência no estado de Mato Grosso do Sul. A partir de uma análise de 225 matérias publicadas entre 25 de dezembro de 2024 e 12 de janeiro de 2025, das quais 68 foram efetivamente analisadas após a exclusão de repetições, utilizando a metodologia de Análise de Conteúdo, foram identificados padrões de linguagem e recursos visuais que reforçam a espetacularização da violência. Observou-se o uso recorrente de termos associados à morte, agressões e crimes, além da utilização de imagens e títulos com forte apelo emocional, embora os textos mantenham, em geral, um tom mais descritivo e sóbrio. O estudo dialoga com teóricos como Angrimani, Debord, Han e Sodré, destacando como o sensacionalismo, impulsionado pela lógica mercantilista, contribui para a naturalização da violência e para a reprodução de narrativas que reforçam estigmas sociais. Conclui-se que práticas jornalísticas pautadas no sensacionalismo ainda persistem no ambiente digital, reforçando a necessidade de uma atuação crítica dos profissionais da comunicação e do fortalecimento de práticas éticas, responsáveis e socialmente comprometidas no jornalismo.

Palavra-chave: Sensacionalismo; Jornalismo; Violência; Mídia; Ética.

De acordo com Ana Luiza Lugão (2010), o sensacionalismo é caracterizado pelo exagero de informações que tem como objetivo emocionar ou escandalizar algo. No jornalismo, esse termo é utilizado como uma estratégia para chamar a atenção do leitor a consumir determinada matéria, no qual a mídia sensacionalista se utiliza de exposições de violência, dentre outros meios para ter audiência.

Desde que as primeiras gazetas começaram a ser publicadas na Europa, entre os séculos XV e XVI, os folhetins eram confeccionados e lidos em voz alta para que a população abastada da alfabetização, pudessem estar informadas sobre os fatos. Naquelas épocas, a informação era vista como importante socialmente por ser um instrumento de mediação entre fatos e pessoas (Góes, 2014). Além dos relatos de crimes, algumas informações repassadas nas primeiras folhas falavam sobre aparições de seres mitológicos e tragédias,

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do Curso de Jornalismo da UFMS email: joao.buchara@ufms.br

³ Estudante do Curso de Jornalismo da UFMS email: lizandra.rocha@ufms.br

⁴ Professora do Curso de Jornalismo da UFMS e líder do grupo Comunicação e Educação Midiática, email:laura.s@ufms.br

e essas histórias sensacionalistas, por prender a atenção do leitor, eram comercializadas principalmente por vendedores ambulantes.

Popular ou popularesco

Conforme observa Amaral (2005), os periódicos direcionados aos públicos das classes sociais C, D e E são classificados como jornais populares por dois principais fatores: o preço acessível e a natureza dos temas abordados. Esses periódicos adotam critérios de noticiabilidade que diferem significativamente daqueles empregados pelos jornais de referência ou voltados às classes A e B.

A autora sustenta que o que é chamado de jornalismo popular no senso comum não corresponde à realidade. Popular seria o jornalismo feito por ou para as camadas populares e não apenas uma pauta sensacionalista. Nos anos 1970 e 1980, um exemplo famoso deste tipo de jornalismo era o jornal Notícias Populares - NP, que chegou à tiragem de 180 mil exemplares diários, vendidos apenas em bancas, e que deixou de circular em 2001. “Com discurso justiceiro em nome do povo, o diário esgotava em poucos minutos nas bancas próximas a saídas de fábricas. Seu texto persuasivo deixava a esfera da polêmica para assumir um tom autoritário, taxativo, estigmatizante” (Seligman, 2009, p.2).

Em um universo de multiplicação do acesso à informação por meio da internet e múltiplas plataformas, observa-se uma fragilidade nos mecanismos de controle ético e uma proliferação de estratégias apelativas, sobretudo no jornalismo digital. Os estudos sobre esse e outros exemplos desta natureza incluem Angrimani (1995) que definiu o sensacionalismo como estratégia mercantil que revela necessidades psicanalíticas do leitor comum, como a morbidez, as pulsões de morte e de amor, a atração pelo grotesco. Ainda Marcondes Filho (1989) define essas estratégias como manipulação da informação para vender jornal – o que agora pode ser atualizado para obter acessos ou engajamento. Esse estilo saiu da literatura para os jornais por meio do que se conceituou como *fait divers*, movimento que pretendia resistir à predominância política nos jornais franceses e introduziu temática e linguajar diferentes. No Brasil, para Amaral (2005, p. 2), a palavra sensacionalismo a definição de sensacionalismo ficou muito relacionada “ao jornalismo que privilegia a superexposição da violência por intermédio da cobertura policial e da

publicação de fotos chocantes, de distorções, de mentiras, e da utilização de uma linguagem composta por gírias e palavrões”.

O trabalho proposto teve como objetivo analisar as publicações realizadas ao longo de um ano no jornal online *Top Mídia News*, com o intuito de identificar de que maneira as editorias de polícia e acidentes abordam essas temáticas de forma sensacionalista.

Metodologia

No Mato Grosso do Sul, há grande diversidade de sites supostamente jornalísticos, mas que nem sempre encontram qualidade em sua produção ou mesmo a presença de profissionais formados na área. Este trabalho procurou analisar as publicações da editoria de Polícia no jornal online *Top Mídia News* durante 20 dias, entre 25 dezembro de 2024 e 12 de janeiro de 2025. Inicialmente, foram coletadas 225 matérias da editoria de Polícia e, após a exclusão de duplicações e repetições, restaram 68 matérias que foram submetidas a análise de Conteúdo (Krippendorff, 1997, p. 28), segundo o qual “é uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzíveis e válidas que possam aplicar-se a seu contexto”. Após a leitura flutuante e a seleção de material, as publicações foram analisadas quanto à temática, os termos utilizados nos títulos, as imagens (foto e vídeo) e os termos utilizados no corpo do texto.

Sediado em Campo Grande (MS), o jornal online *Top Mídia News* é um portal de notícias que fornece informações para a população de Mato Grosso do Sul sobre eventos estaduais, locais (com foco na cidade de Campo Grande), nacionais e internacionais. O jornal possui ao todo cerca de oito editorias: Algo Mais; Campo Grande; Cidades; Geral; Interior; Polícia; Política e Na Lata. Segundo dados da terceira e última parte da pesquisa sobre as preferências de lazer dos campo-grandenses do Instituto Ranking Brasil Inteligência, que realizam a execução e análise de pesquisas quantitativas e qualitativas, o *Top Mídia News* em 2023 ocupava a 4ª colocação entre os veículos de comunicação mais acessados pela população campo-grandense.

O trabalho focou em analisar as publicações do jornal a partir do dia 25 de Dezembro até o dia 12 de Janeiro, com o intuito de checar se há presença de sensacionalismo em um dos veículos de comunicação mais populares de Mato Grosso do Sul.

Dados encontrados

Na observação e coleta de dados, encontramos grande diversidade de palavras em títulos e no corpo das matérias. Agrupadas por afinidade de conceito e contabilizadas, as que foram mais frequentes (acima de cinco menções) são:

Quadro 1 – Frequência de palavras que indicam sensacionalismo

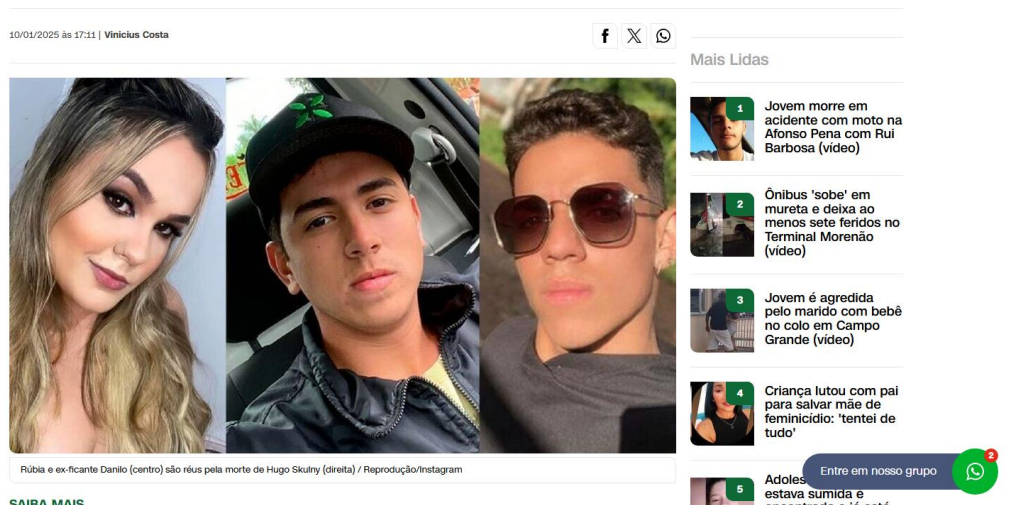
Morte/ morto/ mata /matar/ morre/ matando/ morre esmagado	57
Esfaqueia/ facada/ esfaqueado/ esfaqueou/ facadas	26
Agredir/ agredida/ agredem/ agredido/ agressão	15
Tentativa de assassinato/assassinou/ assassinado/ assassinado/ assassinado com punhal no peito/ assassino/ assassinado a tiros/ assassino	14
Preso/ prende	12
Baleado	9
Homicídio/ Homicídios	7
Furtar/ furtadas	6
Afogamento/ afogado/ afogar/ afoga	6
Ferido/ ferimento	6
Tiro/ tiro de espingarda/ morto a tiros	5
Espancamento/ espancado	5
Briga/brigando	5

Fonte: os autores

A palavra morte (e as relacionadas a essa) foram as que mais apareceram. É natural que em uma editoria de Polícia haja notícias sobre morte, mas a alta frequência já é um indicador de que esse critério de noticiabilidade foi altamente explorado. É o caso da reportagem “Rúbia, ex-ficante e mais três vão a júri pela morte brutal de jogador em Sete Quedas”, publicada em 10 de janeiro de 2025. A matéria exhibe a foto dos dois acusados e da vítima lado a lado sem distinção gráfica (além da legenda) – Figura 1.

A tentativa de usar o tom popularesco está presente somente nos títulos e nas imagens, como foi observado em quase a totalidade das matérias analisadas. Já o corpo do texto das notícias traz um texto sóbrio descrevendo o rito judicial ou descrevendo os fatos sem detalhes mórbidos.

Figura 1 – Fotos do TopMídia News



Fonte: print de tela

As palavras que seguem nessa ordem de frequência – facadas, agressão, assassinato etc.) também seguem essa mesma lógica. Pouco ou nada se publica sobre segurança pública ou medidas preventivas, ficando os critérios de desvio e morte como os mais utilizados para prender a atenção do leitor.

Outro exemplo é a matéria “Motorista perde controle, tomba carro e morre esmagado na 13 de Maio (vídeo)”, publicada em 28 de dezembro de 2024. A colocação das palavras “esmagado” e “vídeo” no título, foram utilizadas estrategicamente como um apelo chamativo sensacionalista para gerar cliques. O início da matéria é composto primeiro por vídeos e fotos que mostram o local do acidente com marcas de sangue e depois a matéria explicando o ocorrido – figura 2.

Traquina (2013) aponta a Morte como o primeiro valor-notícia substantivo, ou seja, que serve para nortear a pauta. Entre os demais critérios que servem ao mesmo propósito, podemos encontrar outros que se adequam ao conteúdo do *Top Mídia News*, como Conflito, Infração e Escândalo.



Fonte: print de tela

Voltando ao conceito de sensacionalismo, o uso dessas palavras tenta, como afirmou Angrimani (1995), transportar o leitor para que ele se sinta como se estivesse junto ao estuprador ou assassino, sentindo as mesmas emoções. Essa simulação feita por meio da linguagem, pode atrair e manter a audiência dos leitores. É o caso das manchetes abaixo e ainda, por vezes, a exposição de corpos nas fotografias.

Figuras 2 e 3 – Manchetes e fotografia sensacionalista

Motociclista tem perna decepada após se chocar com caminhão na BR-163

Apesar do grave ferimento, jovem estava consciente e pedia desculpas a todo momento para o caminhoneiro

Homem é encontrado morto e com ferimento na cabeça em assentamento na fronteira

Polícia suspeita de crime de latrocínio

10/01/2025 às 18:36 | Elizou Ribeiro



Mais Lidas



- 1 Jovem morre em acidente com moto na Afonso Pena com Rui Barbosa (video)
- 2 Ônibus 'sobe' em mureta e deixa ao menos sete feridos no Terminal Morenã (video)
- 3 Criança lutou com pai para salvar mãe de feminicídio: 'tentei de tudo'
- 4 Jovem é agredida pelo marido com bebê no colo em Campo Grande (video)

Fonte: Prints de tela

É o que Sodré e Paiva (2002) chamam de uso do grotesco chocante e de violência representada. “Dão-se voz e imagem aos energúmenos, ignorantes, ridículos, patéticos, violentados, disformes, aberrantes, para mostrar a crua realidade popular, sem que o choque daí advindo chegue as causas sociais, mas permaneça na superfície irrisória dos efeitos” (Sodré; Paiva, 2002, p. 133).

Debord (2007) afirma que o que se chama de espetacularização da mídia, como é o caso de palavras e imagens chocantes vistas nesta pesquisa, são exageros e excessos. Nos perguntamos ainda as razões de páginas como essa e outras atrações midiáticas terem alta audiência ao exhibir atos e imagens violentas com descrições por vezes escatológicas. Han (2017) descreve o que chamou de Sociedade do Cansaço como um esgotamento fruto de uma busca permanente por desempenho e pelo excesso de positividade, o que resultaria em um ciclo de autoagressão e auto coerção – a violência neuronal. Para o autor, a violência que era aparente, externalizada na era pré-moderna, se torna intrapsíquica. “A violência, de certo modo, é *naturalizada*. Sem o emprego de violência física, marcial, ela provê as condições para que as relações de domínio vigente se mantenham (Han, 2017a, p. 23). Dessa forma, Han descreve a arqueologia da violência como um exercício para que se adquira poder – um princípio capitalista. Com o reconhecimento de uma sociedade

tecnológica e midiaticizada, os novos meios de comunicação tornam o mundo pobre em alteridade.

Nos espaços virtuais o ego pode se movimentar sem precisar lidar com o ‘princípio da realidade’, que seria o *princípio do outro e da resistência*. [...] A virtualização e a digitalização estão fazendo desaparecer cada vez mais o *real*, que se faz sentir, acima de tudo, por seu *caráter de resistência*. (Han, 2017a, p. 71).

Esses espaços de admiração dos atos violentos podem ser analisados como um momento de alívio, quando a violência acontece com o outro e não consigo; mas também como reafirmação de violência estrutural, uma técnica de domínio discreto mais eficiente do que o domínio pela violência declarada (Han, 2017a). Os atos violentos – físicos ou intrapsíquicos – se tornam cotidianos, repetidos sem questionar e muitas vezes sem perceber. “Assim, sem o *emprego* de qualquer tipo de *violência física* a violência simbólica se encarrega de que o *status quo* da dominação se mantenha intacto” (Han, 2017a, p. 162).

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo analisar a presença de elementos sensacionalistas nas publicações da editoria de Polícia do jornal online *Top Mídia News*, considerando um recorte específico de tempo. A partir da metodologia de Análise de Conteúdo, foi possível constatar que o sensacionalismo se manifesta de forma significativa, especialmente por meio do uso recorrente de termos relacionados à morte, agressões e atos violentos, além da exposição de imagens com forte apelo emocional e chocante.

Esse padrão de construção noticiosa não se configura como fenômeno isolado, mas como reflexo de uma lógica mercantilista que rege parte da produção midiática contemporânea. Conforme já apontavam Angrimani (1995) e Marcondes Filho (1989), a exploração do sofrimento e da violência serve como estratégia para atrair audiência e maximizar engajamento, seja na venda de jornais impressos, seja, atualmente, na busca por cliques, visualizações e compartilhamentos no ambiente digital.

Os dados obtidos demonstram que, embora o sensacionalismo se concentre, sobretudo, nos títulos e nas imagens das matérias, seu impacto não deve ser subestimado. As manchetes e os recursos visuais são, muitas vezes, os primeiros — e, em alguns casos, os

únicos — pontos de contato entre o conteúdo jornalístico e o leitor, funcionando como filtros que moldam a percepção da realidade. Assim, a reprodução sistemática de narrativas violentas e de linguagem apelativa contribui não apenas para reforçar estereótipos sociais, mas também para a naturalização da violência no cotidiano.

Nesse contexto, os conceitos de sociedade do espetáculo (Debord, 2007) e de violência simbólica (Han, 2017) tornam-se fundamentais para compreender como a exposição recorrente de tragédias, mortes e conflitos atua como um dispositivo de controle social. A violência, seja ela física, simbólica ou midiática, passa a ser consumida como entretenimento, ao mesmo tempo em que fortalece estruturas de dominação, exclusão e marginalização.

Além disso, observa-se que, nas publicações analisadas, há uma evidente ausência de pautas que problematizem as causas estruturais da violência, como desigualdade social, ausência de políticas públicas e falhas no sistema de segurança. A cobertura focada quase exclusivamente no registro de crimes e na exposição de vítimas e suspeitos limita a função social do jornalismo, que deveria ser, fundamentalmente, informar, contextualizar e promover o debate público qualificado.

Portanto, este trabalho evidencia que, mesmo em um cenário de avanço tecnológico e de ampliação dos meios de comunicação, práticas jornalísticas pautadas no sensacionalismo seguem presentes e demandam reflexão crítica. Faz-se necessário fortalecer uma cultura jornalística que priorize os princípios éticos, a responsabilidade social e o compromisso com os direitos humanos. Ademais, torna-se urgente que instituições de ensino, entidades de classe e os próprios profissionais da comunicação atuem na construção de uma mídia mais consciente, capaz de superar modelos baseados no espetáculo da dor e da violência. Por fim, sugere-se que futuras pesquisas ampliem o escopo de análise, incluindo outros veículos, plataformas e contextos, bem como que se investiguem os efeitos psíquicos, sociais e culturais da exposição constante a conteúdos sensacionalistas, especialmente em sociedades marcadas por profundas desigualdades e pela precarização das relações sociais no ambiente digital.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. SP: Contexto, 2005.

-
- ANGRIMANI, Danilo Sobrinho. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Summus, 1995
- DEBÓRD, Guy. A sociedade do espetáculo. SP: Contraponto, 2007.
- GÓES, José Cristian. Jornalismo e sensacionalismo : enquadramento, criminalização da pobreza e implicações éticas no Jornal Cinform. São Cristóvão: PPGCOM/UFS, 2014. Disponível em:
https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4033/1/JOSE_CRISTIAN_GOES.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2017a.
- LUGÃO, Ana Luiza. Jornalismo sensacionalista: o programa Brasil Urgente em cena. Centro Universitário de Brasília, 2010. Disponível em:
<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1846/2/20377680.pdf> .Acesso em: 12 jan. 2025.
- TRAQUINA, Nelson. Ser ou não ser notícia?. In. Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, V.II, 3. ed. rev. 2013. p.59-60.
- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. O Império do grotesco. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. Krippendorff, 1997
- Seligman, Laura. Jornais Populares De Qualidade: Ética E Sensacionalismo Em Um Novo Padrão Do Jornalismo De Interior Catarinense. **Brazilian Journalism Research**. Vol. 5 No. 1, 2009.